

# O Povo de Guimarães

## Semanario Republicano

IMPRESSO NA TIPOGRAFIA «MINERVA»  
DE VILA NOVA DE FAMALICÃO

DIRECTORES

DAVID D'OLIVEIRA  
DUARTE FRAGA  
EDUARDO D'ALMEIDA

REDACÇÃO E ADMINISTRAÇÃO:  
PROVISORIAMENTE, NA R. 5 DE OUTUBRO, 33

### Por Espanha

A nossa imprensa reaccionária vem deturpando, com um à vontade e uma desfaçatez digna de registo, os acontecimentos que se desenrolam na nação vizinha. Entende que combater a República Espanhola é combater o ideal republicano em geral, e, como essa é a sua primordial função, todas as armas lhe servem, mesmo a mentira.

Para que os nossos leitores estejam a par dos factos e possam fazer ideia da honestidade de processos dos inimigos da República, transcrevemos, com a devida vénia, da secção «Factos e Documentos», da Seára Nova, brilhante revista de doutrina e crítica, que tão relevantes serviços tem prestado à nossa República e à Democracia, em geral, a local que se segue:

#### «As queimas dos conventos»

Foram um gesto simbólico de protesto — desvairado, sim, infinitamente de lamentar, mas explicável. A atitude dos monárquicos e do alto clero, a de certas casas religiosas, estava sendo insolentíssima. No dia 5, seis dias antes dos acontecimentos, o *Heraldo* escreveu: «Vamos fazer um aviso leal aos inimigos da República: que tomem bem cuidado de evitar esta campanha virulenta contra as novas instituições... Se a repressão não vier do governo, ninguém poderá impedir que o próprio povo concretize a sua indignação num acto. É um aviso leal. Temos a generosidade de os prevenir do perigo».

Os monárquicos, apesar disso, continuaram a explorar contra a República a questão da Catalunha, o imaginário perigo comunista, etc. etc.

Antes das eleições municipais o arcebispo primaz de Toledo lançou uma pastoral em que convidava todos os fieis a perseguirem os republicanos. Para isso propunha uma *Bólsa de contratación de servicios*. Quem fosse industrial comprometer-se-ia a despedir os operários, contra-mestres e engenheiros republicanos; quem fosse advogado, médico, etc., a não prestar a republicanos os seus serviços profissionais; quem fosse professor, a não admitir na sua aula um filho de republicano, etc. Proclamada a República, o arcebispo lançou nova pastoral a chamar os fieis ao «bom combate». Outros bispos o imitaram, pregando contra a República. Em alguns conventos icou-se a bandeira monárquica. O governo limitou-se a queixar-se ao Papa, o qual nada fez — pelo menos que o povo visse...

Em Paris, os monárquicos tiveram uma reunião em que foi decidido: 1) Dar aos oficiais, funcionários e sacerdotes monárquicos, a ordem de prestarem juramento à República para continuarem em boa situação de a hostilizarem. 2) Encarregar dois financeiros monárquicos de dirigir as operações contra a República nos meios financeiros. 3) Constituir um fundo de dez milhões de pesetas para: a) campanhas de imprensa; b) despesas eleitorais; c) fomentar o separatismo, o comunismo, e subsidiar o pessoal inferior da marinha. 4)

### Grupo Recreativo "Os Infalíveis"

É no próximo domingo, 23 do corrente, o passeio anual deste Grupo, por várias terras do sul, demorando três dias.

Leva consigo um bem organizado *Jazz-Infalível-Band* e um grupo de bailaricos que deve despertar grande admiração nos povos a visitar.

Este grupo, que o ano findo realizou o seu primeiro passeio no meio do maior entusiasmo, fez a melhor propaganda de Guimarães distribuindo, a expensas suas, vários cromos com alguns dos mais belos monumentos da cidade além de várias poesias e quadros para o povo do Minho, — resolveu publicar um número único com o título — *O Infalível* — com variada e escolhida colaboração artística e literária, cuja distribuição será grátis pelos povos das seguintes localidades:

Partida: Guimarães, Famalicão, Maia, Porto, Vila da Feira, Oliveira de Azemeis, Albergaria-a-Velha, Agueda, Anadia, Luso, Curia, Mealhada, Coimbra, Condeixa, Pombal, Leiria e Batalha. — Regresso: Batalha, Leiria, Figueira da Foz, Montemor-o-Velho, Cantanhede, Mira, Vagos, Ilhavo, Aveiro, Estarreja, Ovar, Espinho, Vila Nova de Gaia, Porto, Santo Tirso e Guimarães.

#### Novo colaborador

Inicia hoje a sua colaboração neste jornal o sr. Adelino de Sousa Araújo, estudante universitário, que sabemos ser um republicano muito dedicado aos princípios democráticos.

Saudando-o afectuosamente, esperamos que continue.

Realizar por meio do pessoal das legações uma campanha derrotista contra a República. 5) Auxiliar a formação de um partido unitário na Catalunha, que combatesse o presidente Maciá e impedisse uma solução conciliadora do problema federal. 6) Dar uma subvenção mensal de 50.000 francos a um jornal francês para fomentar o comunismo em Espanha. Os jornais franceses que se decidiram a atacar a República espanhola foram: *Le Journal*, *Le Matin*, *Temps*, etc.

Veio, finalmente a provocação monárquica do dia 11, à porta do Centro Monárquico. Quando, após a provocação, um grupo de populares passava defronte da Casa dos Jesuitas, na Gran Via, atiraram dela tiros sobre o grupo. Os atacados decidiram ali queimar a casa, e, depois, ganho o impulso, na embriaguez física da acção, foram às outras.

Eis os factos, que não justificam as queimas (bem longe disso, mas que as explicam).

Serão precisos comentários? Postas as coisas neste pé, no seu pé, já o leitor se não deixará lograr pelo «conto do vigário» com que a nossa imprensa reaccionária pretende chegar a brasa à sua sardinha, enredando os espíritos na teia artificiosa das suas especulações mentirosas.

Visado pela Comissão de Censura

### Uma obra notável

O Dr. Mário de Castro é, incontestavelmente, um dos nomes mais conhecidos e considerados da última geração. Quando se formou, em 1925, após um curso brilhantíssimo, já nos meios republicanos ele se havia afirmado como um democrata consciente, a quem não eram estranhos os mais complexos problemas sociais, económicos e políticos. É que durante a sua vida académica não se limitara a ser apenas aquilo a que no calão universitário se chama um *curso*.

O seu espírito foi sempre mais longe.

Num incidente sensacional — que os então estudantes da Faculdade de Direito de Lisboa por certo nunca esquecerão — Mário de Castro mostrou, de uma maneira inconfundível e extraordinariamente elegante, a excelsa nobreza do seu carácter diamantino e da sua perfeita dignidade. Poucos, raríssimos, dos homens com responsabilidades teriam, em circunstâncias semelhantes, procedido como procedeu aquele rapaz.

Na sua vida profissional e política Mário de Castro tem mantido sempre, inalterável, uma linha de conduta exemplaríssima. Daí a razão de todos os seus triunfos, quer como advogado proficiente, quer como doutrinador político. Do seu valor, do seu positivo e real talento, muito há ainda que esperar em benefício da causa republicana.

Estas simples e modestíssimas palavras de justiça escrevemo-las a propósito do opusculo por ele recentemente publicado — *Ideário Republicano*, que recebemos há dias, com uma dedicatória amável, que muito agradecemos.

Iniciamos hoje a sua publicação nas colunas deste jornal. Trata-se de uma obra que todos os republicanos devem conhecer. Divulgá-la é, pois, um dever imperioso. Pelo que nos diz respeito, publicamo-la, não só em obediência a esse dever, mas também, e muito especialmente, com o intuito de assim prestarmos a pública homenagem da nossa admiração por Mário de Castro, advogado ilustre e democrata de princípios que honram a geração universitária a que pertence e o grupo *Seara Nova* de que há anos faz parte.

## A VÍBORA

(De DEMÓDICO)

Um dia, uma víbora, mordeu num pé  
A' pérfida Cloé.

Preguntarão: Que sucedeu  
A' pérfida Cloé?... Morreu?...

Isso morreu ela!...  
Mal sentiu a mordedela,  
Não teve febre, nem ardor, nem nada.

— A bicha é que morreu envenenada!

### As Festas Gualterianas

resultaram brilhantíssimas

Por afazeres do nosso colaborador encarregado da secção «Vida Local», em o nosso último número não nos foi possível a referência às *Festas Gualterianas*, que resultaram brilhantíssimas, pelo que pedimos desculpa aos nossos prezados leitores. Contudo fazemo-lo hoje para cumprimento do nosso dever de jornalistas e de vimevanenses.

O esforço dispendido pelos elementos componentes da Comissão encarregada de as levar a cabo, à frente da qual se encontrava o simpático vimevanense sr. dr. João de Oliveira Bastos, mais uma vez veio provar que a realização anual das festas não é cousa impossível, antes, pelo contrário, é dever conservá-las, uma vez que tanto interesse despertaram, impondo-se ao Município, que, a semelhança de outros, vá estudando o melhor meio de auxiliar convenientemente estas iniciativas, procurando valorizá-las e elevá-las. A feira esteve concorridíssima; no domingo, Guimarães regorgitou de forasteiros e ofereceu-lhes inúmeras distrações: a segunda-feira, com o cortejo luminoso da *Marcha Milaneza*, a *Ginkana*, o esplêndido concerto da Banda do Regimento de Infantaria n.º 20 e o belo fôgo de artifício, valeram por um grande dia de festas. Não há que arrependimento ou arripiar caminho. As *Festas Gualterianas* estão reputadíssimas e nota-se que os visitantes saem de Guimarães satisfeitos pela maneira captivante, verdadeiramente galharda como foram recebidos, sem exagero de propaganda que tragam decepção e sem atitudes que provoquem o ridículo.

Cumpra, pois, ao Município, repetimo-lo, estudar o melhor processo da assistência às *Gualterianas*, as verdadeiras festas que poderão ser consideradas as «Festas da Cidade».

A' Comissão que tomou sobre os seus ombros o encargo dos festejos, as nossas sinceras felicitações.

Ao digno membro do Directório da Aliança Republicano-Socialista envia a redacção de *O Povo de Guimarães* um estreito abraço e os protestos da sua fraternal solidariedade política.

### Coisas e Loisas

O CARDEAL

A QUELE cardeal Segura teima em dar que falar de si. Hipocritamente escudado nas suas funções religiosas, este príncipe da Igreja, o mesmo que pregava a guerra santa — pregava e prega — aos republicanos, não lhes consentindo, ao menos, que frequentassem a escola, requereu ao governo da República espanhola que o deixasse voltar a Espanha, para junto do seu rebanho, das suas ovelhas queridas, alegando — esta é de cabo de esquadra — alegando que a Espanha é católica, porque o seu rei é católico, por vontade do seu rei, como muito claramente o diz um artigo da Concordata.

Esta é de cabo de esquadra!... Esta eminência julgar-se-há, por ventura, nos bons tempos, naqueles barbaros tempos do direito divino dos reis?

Este príncipe da Igreja sonhará, ou, por artes de berliques e berloques, por negra feitiçaria, terá sido recambiado aos famosos tempos da célebre, mas, já agora, petulante e irrisória frase do rei sol: *L'état c'est moi?*

Esta não lembra ao diabo... Este cardeal, que dias antes do advento da República proclamava que era necessário afastar os republicanos (e fez escola, como se está vendo) das repartições, das oficinas e das escolas, e convidava os médicos e os advogados a não prestarem serviços aos republicanos, e que, dias depois da República implantada, chamava os fieis, os seus fieis, ao «bom combate» tem para si que um povo é o que o seu rei, o seu chefe, quer que ele seja. Liberdade de consciência, liberdade de pensamento, nada disso existe, tudo isso é nada, para o maquiavélico espírito de sua reverendíssima!

Mas, que santa ingenuidade...

Não, Eminência; esses tempos já lá vão. Os povos sacódem-se com notório afan e prazenteira cara do pó dos séculos, rindo-se nas bochechas dos Constantinos e dos Julianos, nas bochechas dos Cesares, que caíam na loucura de os querer reconduzir aos tempos de Panurgio. Digestus e Pandectas, os velhos códigos e as velhas leis dos Augustos, vão buscando nas bibliotecas e nos arquivos o digno tumulto, o justo descanso para a sua laboriosa e longa vida. Os tempos são outros, e tão mudados que até parece que os deuses aderiram às convenções e aos tratados que aboliram a escravatura. Foram-se os servos, vão-se os reis... e os povos, livres das velhas e pódres peias que os escravizaram, escalam os ceus, sem temor dos raios de Júpiter, nem receio das farroncas dos déspotas.

A Espanha é católica, porque o seu rei é católico, lá o diz a Concordata...

Esta é de se lhe tirar a mitra, digo, a carapuça, quero dizer, o chapéu.

Por onde se vê que os reis não pesam só nos orçamentos de quem os atura; pesam também — e muito mais — na consciência de quem os sofre.

AUGUSTO GIL.



## TRIBUNA LIVRE

## Pessimismo?

Não, meu amigo. Discordo do seu optimismo e, francamente, causa-me riso a sua boa vontade de acertar.

Hoje, aqui como em qualquer outra parte, vegeta-se e não se vive. A crise é um facto, uma realidade bem palpável, que só tem justificação pelos meios usados até agora pela sociedade burguesa e capitalista. A crise está latente, e já a miséria entrou em muitos lares e a fome muitas e muitas vidas vem ceifando.

Serei tudo o que o meu amigo quiser... Mas, julgo que não me engano muito se lhe disser que o seu optimismo provém duma visão de tela diorâmica, onde há luz móvel, e que lhe apresenta tudo cor de rosa, tal como num sonho de amor, visão essa que o não deixa confessar a verdade, visto que será sempre um iludido, enquanto que pensar dessa maneira e ver as coisas tal e qual as vê.

É bom, realmente é bom nascer-se rico, sem preocupações de trabalho, viver-se num meio confortável, tendo sempre o pão para a meza e o estômago farto de bem juntado.

É um meio de vida que não falha. Porém, andar escravizado ao trabalho como o boi à charrua, sem salário munificente que lhe garanta os meios de vida e desprovido de todo o conforto; ter de ser à força lobo do homem, só porque a classe predominante é essencialmente usurária e egoísta; ouvir o clamor da família que reclama alimentos e andraxes para se vestir; e, contrapondo-se a tudo isto, contemplar a vida faustosa e esbanjadora dos que não enxergam a mínima parcela de humanismo, que não nutrem o menor sentimento por um ser semelhante, o caso é que se não revolta, pelo menos traz-nos a desilusão duma perfeita sociedade que não é senão ridícula caricatura daquela outra que todos nós sonhamos, ambicionamos e queremos.

Não, meu amigo. Discordo do seu optimismo, e francamente, causa-me riso a sua boa vontade. Consoante o espaço, responder-lhe hei todas as semanas que eu julgar necessárias, e provar-lhe hei que estou dentro da razão, ainda que me julgue um «bolchevista».

Até à semana.

L. COELHO.

## "Debaixo do Cedro"

No próximo número nos referiremos, com o desenvolvimento que tal facto merece, ao aparecimento deste livro do dr. Ramada Curta, que acaba de enveredar por um novo género literário em que afirma exuberantemente as mesmas excepcionais qualidades que o distinguem como dramaturgo.

A todos os amantes das boas letras e, especialmente, a todos os republicanos, recomendamos a leitura de *Debaixo do Cedro*, obra em que perpassam alguns tipos que são do nosso conhecimento e que estão flagrantemente focados.

## Circo América Show

Acabou as suas exhibições nesta cidade esta bem organizada companhia, que retirou para Braga.

Se não foi tão feliz como da outra vez que nos visitou, nem por isso o público deixou de afluír, pelo menos aos espectáculos realizados depois das festas. Todos os números agradaram, pois todos são, na verdade, desempenhados com mestria. Destacaram-se os que não eram conhecidos, que obtiveram um merecido grande sucesso. Como clowns, os irmãos Atalaías afirmaram também o seu valor.

Cá ficamos esperando por nova visita no próximo ano.

Na casa HIGH-LIFE se encontra hoje uma transformação completa nos preços do seu enorme sortido.

## Ridendo...

## A graxa

A maior descoberta do homem, meus caros irmãos na escala zoológica, a maior, a mais formidável descoberta do homem, a mais rendosa e a mais sábia, não foi o fogo, nem a máquina a vapor, nem a do novo caminho para as Índias do Presto João, terras de maravilha, a enfiar as velas da humana e ruim cobiça. Nada; não senhores. A maior descoberta deste bipede, que oleiras divindades fizeram da mísera argila com que se fazem os assobios, foi a da graxa. Olarila! Foi a da graxa!

Não me venham falar das mil e uma vantagens que o homem aferiu do achado do fogo, do mundo novo que se lhe deparou, quando se viu senhor do meio de assar o seu semelhante, que até então comia cru, ao natural; não queiram contradizer-me com os milbentos benefícios que colheu quando se viu de posse da milagreira centelha, onde residia o princípio de tudo, que em si tinha a essência dos deuses, a alma dos céus maravilhosos, dos fantásticos olimpos, onde a sua imaginação plantava os sobrenaturais poderes a que tudo obedecia, a que tudo se subordinava... Não me venham com lãs!

Tudo isso, todas essas mirabilancias de que os cartapácios nos falam, são desprezíveis ninharias, se em confronto as collocarmos com os épicos serviços, a celestial utilidade da graxa.

Se a hipocrisia tivesse cabeça, eu diria que a graxa sain da cabeça da hipocrisia, como Minerva da de Jupiter. A suprema sabedoria, fraternais bipedes, está, hoje nas virtudes da graxa. O lisongeiro, o engraxador, o escova, abarca o céu com as pernas, tem na mão este mundo e o outro.

Na graxa está... a felicidade.

Maneirinho, untuoso, ambrosia para todos os paladares, cêra para todos os moldes, o graxa, que nasceu desengonçado de corpo e alma, de bôbo que era, fez-se rei. A tôla vaidade humana tange-a êle como quer, e infiltra-se nos espíritos como a água na terra e a peçonha no sangue.

As virtudes da graxa, o poder da graxa!

O fogo, o próprio fogo sagrado, anda ao sabor da graxa. Não sabeis que marca de graxa usava Venus para dominar no Olimpo?

As mais duras máquinas, as mais potentes organizações, cedem à vontade do graxa.

Quantas vezes a máquina do estado, as máquinas dos estados, trabalham para o graxa?!...

Não me venham com lérias...

Aqui, muito à puridade, os leitores (anto-enraxedela) hão-de concordar que é assim mesmo.

Este mundo é do graxa e a indústria mais tendosa é, com certeza, a da graxa. Há graxa de todas as côres, tantas as côres quantas as botas, tantos os graxas, quanto os botas.

Universalizado, como está, o seu uso, a graxa é uma espécie de unguento-panacea que amoleta e vence todas as resistências, todos os atritos, maravilhoso produto, incomparável invenção, com que a parte tórpe da humanidade leva de vencida a parte sã.

Até a honestidade escorrega e cai se lhe dais um pouco de graxa.

## Imprensa republicana

Cumprimentamos o nosso estimado colega *Notícias de Fafe* pelo seu quarto aniversário. Jornal excelentemente redigido e de optima apresentação tipográfica, o *Notícias de Fafe* é dos mais interessantes periódicos da provincia.

Os nossos parabens.

Recebemos mais um número do *Notícias do Domingo* e da *Atorçada*, os brilhantíssimos semanários republicanos que se publicam em Lisboa.

Muito obrigados.

## Brado dum novo

Quiz o destino que visse a luz do Sol dez dias após essa

«Manhã de Outubro triste em que a Pátria sagrada, Surgiu resplandecente a luz duma alvorada».

Drapejava ao vento renovador que numa lofada purificante varreu Portugal de lés a lés, o pendão verde-rubro, — símbolo da libertação dum povo —, que viveu durante séculos, escravizado pela tutela degradante da corôa e da sotaína.

Ecoava por todas as quebras do nosso querido Portugal um cantico emancipador que o povo trabalhador entoava, numa hossana louca, ao Novo Regime:

«Heróis do mar nobre povo»...

E, enquanto a corôa e o seu séquito fugiam cobardemente num barco de pescadores; enquanto nas ruas de Lisboa se escrevia a letras de sangue — Viva A República (!); enquanto os bancos eram guardados por famintos de estômago vasio mas de alma a transbordar de alegria, abria eu os olhos para ver implantada a República.

Agora que volvidos são vinte e um anos após essa aurora radiosa que num clarão rubro fez despertar as energias latentes do povo, recordando esse frémito que fez vibrar Portugal inteiro não posso calar no meu peito moço o «alerta» viril de mais um soldado da República. Renascem energias; um sópro renovador vivifica o amor à Liberdade; a fé na República guia a nossa indole com a persistência duma ideia fixa.

Coaxam nos pântanos as rãs reacionárias, ajejam na sombra os abutres jesuíticos mas, a República passa intangível levando nas mãos o destino dum povo que A quer, que A ama, que Lhe oferta a vida em sacrossanto holocausto.

O Povo ama a Liberdade desde criança pois já, então, tentava fugir do colo de sua mãe para andar pelo seu pé.

Tudo beneficia da Liberdade — essa poderosa força, individual —. Todos anseiam pela Fraternidade — essa poderosa força colectiva —. A egualdade impende destas. Conseguidas, obteremos aquela.

Olhemos para as ciências, para as letras, para as artes, para a sociologia; façamos um estudo introspectivo do espírito humano e veremos sempre o rastro luminoso que o fogacho da Liberdade deixa.

As ciências, as letras, as artes libertam-se das normas arcaicas que as regiam, despem-se do hábito franciscano que há séculos envergavam.

Brilham, têm vida, espargem luz. O espírito relega o dogma, deixa de ser morcego, quer luz.

A sociologia empreende um vôo largo e aplanado para a esquerda. O Povo emancipa-se. A inteligên-

cia desempoeira-se. Rúem os castelos dourados da burguesia parasitária. A força Arquimédica que acciona o mundo está nas mãos do Povo; o ponto de apoio fixa-se na República; não trará o mundo a levantar-se.

Por isso nós, os novos, — sentinelas firmes no nosso posto —, com a chama ardente da Liberdade a aquecer-nos o peito, gritamos sempre e cada vez com mais força:

Viva a República!  
Viva a Liberdade!

Lígaros, Agosto de 1931.

ADELINO SOUSA ARAÚJO

## Tribuna do professorado

Sentado à porta da escola Onde a instrução espalhou, O professor pede esmola Aos alunos que ensinou.

Transcrevemos, com a devida vénia esta quadra de *O Ensino Primário* apanhada no ar por um dos seus redactores, no momento em que os lazes lhe permitiram aceitar o favor de um amigo que no seu automóvel o levou a espaiar pelos subúrbios de Lisboa.

A carapuça ficou-lhe logo a matar, pois que o seu benemérito, se não tinha sido seu aluno, possivelmente seria aparentado com algum seu ex-aluno.

Cogitava êle, na maré, na melhor forma de satisfazer, pelo menos com explicações razoáveis e honestas, os credores — alguns já atrazados além do infalível mês, quando uns operários rudes despreocupadamente musicavam esta significativa quadra ao sabor de uma canção popular, manifestando, com certa exuberância, a satisfação do seu dia de labor e do regresso ao seu lar onde seriam acolhidos com os sorrisos da família.

Sensaboria no passeio e um olhar retrospectivo para a importância da sua função no seio de uma sociedade, cuja organização envelhecida permite que seja lançada ao vento tão pungitiva verdade, e para a obra realizada.

Nós, professores primários, precisamos de soprar sempre aos ouvidos de quem tem por dever remunerar com humanidade os seus serviços que a pesar-de tal não ter sucedido, sempre com zelo e carinho nos temos desempenhado.

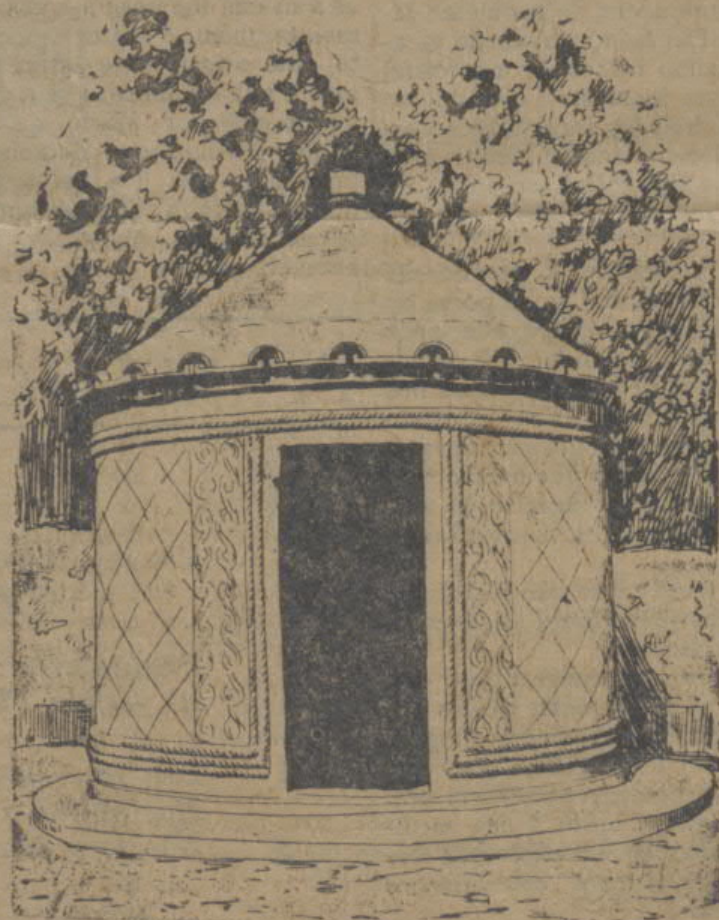
E assim mais uma vez registamos o movimento dos alunos que frequentaram a Escola Central Masculina de Guimarães.

A razão de não nos referirmos a outras escolas explica-se pela circunstância de nos ser muito penoso conseguir cópias da estatística.

Admitimos, contudo, que alguma diferença que haja será tão pequena que nem mereça consideração especial.

Anolectivo de 1930-1931:

Alunos matriculados — 1.ª classe, 198; 2.ª, 118; 3.ª, 109; 4.ª, 51.



Mausoléu onde repousam os restos mortais de Martins Sarmento, no Cemitério de Briteiros, deste concelho

## TRIBUNA OPERARIA

## Maneiras de ver

Que os conservadores burgueses, ou burgueses conservadores, tanto monta, estejam aferrados a velhas praxes a que chamam princípios, pouco nos importa, nem isso é conosco; mas que fechem os olhos ao que lá por fora se passa, numa ignorância de má fé e de... estupidez, lá isso não, não podemos perdoar-lhes, porque, matreiros no uso e abuso, êles sabem muito bem que os tempos são outros, — tempos bem diversos e adversos daqueles em que traziam à nora do seu poderio e da sua grandeza o homem-besta, o homem-máquina.

Pouco atilados, os conservadores portugueses, não se aperceberam ainda de que o terreno começou a faltar-lhes, há quasi duas dezenas de anos.

E que fez o conservador industrial, o industrial-burguês? Foi ao encontro do seu operário? Minorou a sua situação económica? Foi ao encontro das suas aspirações mais do que legítimas?... Desgraçadamente nada disso fez; e enquanto o operário continua, como sempre, a ser explorado e abandonado por quem tinha e tem o direito de ser mais justo e razoável para com êle, vê-se este contrasenso que só burgueses muito conservadores do seu bem-estar, muito aferrados aos seus princípios — princípios estes que talvez queiram dizer na sua de que enquanto «o pai vai e vem folgando as costas» — vê-se este contrasenso flagrante que é crime e é prazer ao mesmo tempo: mais um automóvel de luxo com todos os requisitos da elegância moderna... Tão burgueses, e tão conservadores, mas muito pouco espertos para acompanharem o desenvolvimento do progresso humano, êles julgam talvez que possam como criaturas estranhas diante das camadas trabalhadoras sem um olhar de desconfiança e de terror. Nós pensamos, como Marques Guedes e outros, que a civilização burguesa ainda não cumpriu o seu papel, e que muito tem ainda a fazer... Mas, se a burguesia capitalista e industrial continua a fechar os olhos para não ver e a tapar os ouvidos para não ouvir os clamores daqueles que a servem, bem mal anda nesta estrada da vida — cheia de precipícios e de barrancos, nos quais por culpa sua, e só sua, pode ser vítima. Que os conservadores estejam aferrados a velhas costumeiras, isso é lá com êles, mas vai sendo tempo, também, de compreenderem que os trabalhadores são seus semelhantes, com direitos iguais à vida, e portanto com o direito de serem melhor tratados e de terem uma casa de que se não aborrecem de nela viver. Maneiras de ver que gostaríamos imenso tivessem realização prática... Custava pouco, e os burgueses resolveriam pela sua parte um pouco do problema social e económico.

AFONSO FRANÇA.

Chegaram ao fim do ano — 1.ª, 190; 2.ª, 113; 3.ª, 100; 4.ª, 49.

Frequentaram regularmente — 1.ª, 164; 2.ª, 113; 3.ª, 93; 4.ª, 46.

Passagens de classe — Da 1.ª para a 2.ª, 110; da 2.ª para a 3.ª, 91; da 3.ª para a 4.ª, 89; exames de 4.ª classe, 30.

Percentagem do aproveitamento sobre os que frequentaram regularmente — Da 1.ª para a 2.ª, 67; da 2.ª para a 3.ª, 80,5; da 3.ª para a 4.ª, 95,6; exames da 4.ª, 65,2.

Percentagem geral — 76,9.

Este serviço revela que todos os professores se dedicaram ao seu munus com zelosa actividade.

Para estes resultados muito contribuiu a Caixa Escolar «A Auxiliadora» e a Cantina Escolar Vimaranesense, concorrendo aquela com artigos escolares e esta com a alimentação às crianças necessitadas em número de 200 refeições diárias.

Guimarães, 1931 — Agosto, 11.

PROF. JERÓNIMO FERREIRA BOTELHO.



Os nossos mortos queridos

Dr. Francisco Martins da Gouveia de Mendes Sarmento



DR. FRANCISCO MARTINS SARMENTO, insigne vimaranense e sábio de renome mundial

Foi em 9 de Agosto de 1899, há já 32 anos, que faleceu, no palacete situado no largo do seu nome, esta figura notabilíssima de sábio e de homem de bem, e onde foi adaptada a lápide comemorativa do seu falecimento. Diz ela: «Casa onde faleceu aos 9 de Agosto de 1899 Francisco Martins Sarmento.» Porém, nos registos do Cemitério Municipal de Guimarães, está inscrito, como tendo «falecido em 10 de Agosto, há 1 e meia horas da tarde, com 68 anos, tendo sido removido para o Cemitério de S. Salvador do Souto, em 10 de Julho de 1904.» Portanto, a data do falecimento não condiz com a data da lápide. Mas há mais contradições.

Tendo Sarmento nascido em 1833, aos 9 de Março, e falecido em 1899, aos 9 de Agosto, tinha 66 anos e 5 meses, à data do seu falecimento, e não 68, como declararam. E' que, tanto no antigo registo paroquial, como no civil, as declarações de óbito, são quasi sempre a negação da verdade. Mas... adiante. Passando, pois, há dias, o trigéssimo segundo aniversário da sua morte e não tendo ninguém que o rememorassem, nós, obscuro colaborador de *O Povo de Guimarães*, aqui, nesta secção, o vimos relembrar.

Sarmento foi um vimaranense de uma rara cultura intelectual, potente cerebração a quem a ciência tanto deve. Sarmento sendo uma glória para Guimarães, é-o também para Portugal e estrangeiro.

Tendo sido um denodado liberal, isolava-se, porque ao seu temperamento de intelectual lhe repugnaram as relações mediocres e baixas.

Passou a sua vida desenterrando um passado, na Citânia de Briteiros e no Castro de Sabroso, rasgando horisontes vastos e largos ensinamentos á ciência. A trasladação do seu cadáver para junto da terra que ele escavou, constituiu uma grandiosa homenagem. Daqui a dois anos é o centenário do seu nascimento, e já nos consta que será comemoradíssimo. Prestando-lhe esta homenagem, desejamos tão somente relembrar e perpetuar a memória de tão prestantíssimo cidadão e illustre sábio, que ora repousa no seu jazigo, no cemitério de S. Salvador de Briteiros, cujo mausoléu é desenho dos tempos romanos, sendo em feição de uma das casas redondas descobertas por ele nas duas estações pré-históricas da Citânia e de Sabroso, querendo-o assim propósitamente construído para nele se guardar o seu cadáver. A referida casa redonda, tem bastante semelhança com os actuais moínhos de vento tam peculiares em Laundos, etc. Porisso, achamos interessante reproduzir em zinco-

gravura o jazigo de Martins Sarmento.

José Barbosa da Abreu Guimarães

Tambem passou no dia 10 o vigéssimo oitavo aniversário da morte deste nosso querido mestre e grande democrata, que faleceu aos 27 anos.

Republicano dos tempos da propaganda em Lisboa, onde assistiu aos comícios e conferências realizadas pelas principais figuras do partido republicano, quando veio para Guimarães inculuiu aos novos de quem fomos discipulos os ideais de que fôra precursor.

UM LAPSO

Por lapso publicamos no nosso último número a *Crónica sobre Guimarães*, de Américo Durão, desacompanhada de quaisquer palavras de agradecimento ao seu autor pela honra que nos deu autorizando a sua transcrição. Como, porém, a falta ainda tem remédio, aqui deixamos expresso o nosso agradecimento, cumulado com um pedido de desculpa.

O direito de existência não só compreende a vida e integridade pessoal do homem, mas também o seu bom nome e reputação, em que consiste a sua dignidade moral. (Art. 360 do Cód. Civ.)

EDITAL

José Francisco dos Santos, professor e Reitor do Liceu de Martins Sarmento, em Guimarães:

Faço saber que, nos termos do artigo 1.º do decreto n.º 20:065, de 13 de Julho, se recebem nesta secretaria, desde 15 a 31 do corrente, os requerimentos dos candidatos as isenções de propinas, totais ou parciais de 50 por cento, os quais devem ser instruídos com os seguintes documentos:

- a) Declaração feita pelos pais, de todas as suas receitas, vencimentos, emolumentos, gratificações e rendimentos, ao mês ou ao ano, em quantia fixada ou em média, conforme a natureza das mesmas;
- b) Declaração pelos mesmos do número de filhos, idade e situação económica de cada um deles;
- c) Declaração de garantia

de que são verdadeiras as declarações constantes da alínea a) e b) deste artigo, feita pelo regedor e pela Junta de freguesia, ou só pelo superior hierárquico, no caso de tratar-se de funcionário público ou administrativo;

1.º Quando o candidato fôr órfão cumpre ao tutor a declaração de todas as receitas do tutelado, garantida nos termos da alínea a).

2.º As declarações a que se refere a alínea a) deverão ser devidamente autenticadas.

3.º Quando se verificar se inexacta qualquer das declarações exigidas por este artigo, o seu autor será punido nos termos do artigo 450.º do Código Penal.

Para elucidação dos interessados transcrevem-se as seguintes disposições do referido decreto:

Artigo 3.º Não é de conceder, nem qualquer das isenções, nem bôlsas de estudo, quando do processo respectivo se verificar que o côciente do total das receitas, depois de deduzidos 500\$, pelo número de filhos dos pais do candidato, é de 150\$ ou mais.

Artigo 4.º Deverão ser deferidos todos os pedidos de concessão de isenções quando o candidato respectivo tiver tido no último ano lectivo média final ou nota de exame inferior a 12 valôres.

Artigo 5.º Os pedidos de isenção e os de bôlsa deverão fazer-se cada ano, não constituindo fonte de direito o ter sido beneficiado com qualquer delas em ano anterior.

Guimarães e Liceu de Martins Sarmento, 10 de Agosto de 1931.

O Rector.

EDITAL

José Maria Pereira Leite de Magalhães e Couto, administrador do concelho de Guimarães:

Faz público que, para os devidos efeitos e para cum-

primento do art. 8.º do Decreto n.º 8364 e 25 de Agosto de 1922, a esta secção Administrativa da Câmara baixou o edital da Circunscrição Industrial, que é do teor seguinte:

EDITAL

Manuel Jacinto Eloi Moniz Júnior, Engenheiro chefe da 1.ª Circunscrição Industrial.

Faz saber que José da Costa Carneiro, requereu licença para instalar um forno de padaria incluído na 3.ª classe com os inconvenientes de fumo e perigo de incêndio na Rua Pais Galvão freguesia S. Paio concelho de Guimarães distrito de Braga, confrontando ao Norte com D. Rita Carolina Martins M. Gomes e Silva, Sul com Alberto Pimenta Machado Nascente com Domingos António de Freitas e Poente com Rua Pais Galvão.

Nos termos do Regulamento das Indústrias Inalubres, Incômodas, Perigosas ou Tóxicas e dentro do prazo de 30 dias, a contar da data da publicação deste edital, podem todas as pessoas interessadas apresentar reclamações, por escrito, contra a concessão da licença requerida, e examinar o respectivo processo, nesta Circunscrição, com rede em Pôrto, rua Sá da Bandeira n.º 142-2.º.

Pôrto, e Secretaria, da 1.ª Circunscrição Industrial em 7 de Agosto de 1931.

O Engenheiro Chefe,

Manuel Jacinto Eloi Moniz Júnior.

E' o quanto se contém no referido edital.

Guimarães, secção administrativa da Câmara, aos 10 de Agosto de 1931.

E eu, José Fernandes Ribeiro, Gomes, chefe da Secção Administrativa o escrevi.

José Maria Pereira Leite de Magalhães e Couto.

IDEÁRIO REPUBLICANO

POR

Mário de Castro

Ideário republicano

O Governo chama os cidadãos às urnas.

Pois bem, queremos ir às urnas. E como o Governo não ordenou que os eleitores fôsem só os membros da União Nacional; e como a lei eleitoral não estabelece para os cidadãos a obrigação de votarem por certa ideologia e em determinados candidatos, nós, os republicanos, desejamos votar nos *nossos* candidatos e pela *nossa* ideologia.

Por outro lado, se o Governo os não interdito deste direito, é evidentemente porque lhes não tira os meios de facto indispensáveis ao seu exercício, pois o contrário seria dar com uma mão e tirar com a outra, ou o que é o mesmo, fingir só que dava: cousa por demasia improba para que nós possamos acreditar nela.

Os mais elementares meios de facto para o exercício do sufrágio consistem

na possibilidade de comunicarmos com o público, isto é, na propaganda das nossas ideias governativas, do nosso ideário político, pela palavra oral e escrita.

Como disse o sr. Presidente da República, eleições sem liberdade seriam uma burla.

Por isso vimos propor ao público o seguinte pensamento republicano.

Afirmamos antes de mais nada o principio fundamental da intangibilidade absoluta da Nação Portuguesa em todos os elementos que a formam.

E afirmamos antes de mais nada este principio basilar, não só porque ele é dado espontânea e imediatamente pela nossa consciência de portugueses, como facto que se sente constitutivo de nós tanto como qualquer peça do nosso organismo, cuja legitimidade resulta da sua simples existência como cousa da Natureza, mas ainda porque elle corresponde precisamente a um pensamento que é

a coluna vertebral da Democracia: A Liberdade.

Com efeito, afirmar que a Nação Portuguesa é intangível, o mesmo é que dizer que ela é livre: e uma Nação livre é só a que existe e vive emancipada de tutelas, quaisquer que sejam.

Uma Nação não é livre só quando existe e vive independente das outras Nações: mas quando existe e vive emancipada de qualquer outro poder que a escravise.

Uma Nação tanto pode ser dominada por uma tutela estrangeira, como pela tutela de qualquer poder interno.

O sentimento e o pensamento pelos quais se torna insuportável e aviltante a tutela de uma Nação estrangeira, não deixam evidentemente de existir e vibrar quando a tutela muda de sinal ou de nome e é, por exemplo, a tutela de uma classe, de um partido, de uma facção ou de um homem.

Pois não é absurdo que o sentimento que em nós sofria com a tutela de um país estrangeiro, deixasse de sofrer com outra só pelo facto de facto de falarem língua diferente as pessoas que a exerciam?

Ou doutro modo: pode acaso admitir-se que haja um sentimento de dignidade que não tolere a tirania do estrangeiro e deixe de existir quando a tirania é exercida por qualquer pessoa ou grupo nacional?

Não: a tutela, quaisquer que sejam as entidades que a exerçam, diminui sempre.

Nós não queremos a Nação diminuída e, por isso, o que assentamos, como pedra angular do nosso pensamento político, é o direito que ela tem de *dispor de si própria*, livre de quaisquer tutelas, externas ou internas.

Um povo não é um rebanho: é uma comunidade de homens: não deve, pois, obedecer passivamente: há-de conduzir-se.

A trajectória dos seus destinos pode ser definida pelo governante, mas este governa porque o seu pensamento governativo foi aceite voluntariamente pelo Povo e não porque tivesse imposto esse pensamento ao Povo, forçando-o à sua aceitação.

O Povo pode ser instruído e orientado sobre os caminhos a seguir, mas há-de ser livre de determinar-se por um ou por outro.

Tem que ser *convencido* e não *vençido* e arrastado como o rebanho pelo pastor.

Todo o pensamento político que queira governar a Nação tem, por isso, que *convencê-la* e não *dominá-la*: terá que impor-se-lhe pela persuasão e já-mais sujeitá-la pela violência.

Mas como, se esse pensamento não fôr livre de se exprimir?

O que é, porém, a Nação e como pode ela exprimir a sua vontade?

Eis-nos, de chofre, no problema mais melindroso da vida pública, o que estabelece as dissenções capitais entre os regimes políticos: o problema da orgânica e funcionamento do Estado.

Indivíduo e grupo

Nós outros, os democratas, afirmamos perentoriamente que a Nação não tem uma existência específica distinta dos indivíduos que a compõem: só a concebemos como aspecto ou faceta da sua própria vida — a sua vida de relação — mantendo integralmente, em pleno seio de comunidade, uma existência de *entes privados*, exactamente como um bosque só se concebe com a existência particular e diferenciada das árvores que o compõem.

Deste modo, os indivíduos são a última e mais concreta *realidade* da vida.

Todas as outras realidades sociais que nós encontramos, tais como as associações de qualquer ordem e a sociedade em geral, são realidades *derivadas* do facto por excelência: o homem, o indivíduo.

E só existem em função do indivíduo e *para* elle.

(Continúa).



# BENJAMIM DE MATOS & C.<sup>a</sup>, LIMITADA

## Toural — GUIMARÃES



**SEDE**  
**LOJA DO LEQUE**

TELEFONE N.º 64

Fazendas de lã, seda e algodão — Fazendas brancas — Malhas — Perfumarias e miudezas — Pa-péis para forrar casas — Maquinas de escrever

**FILIAL**  
**CASA HIGH-LIFE**

TELEFONE N.º 230

Modas e Miudezas — Camisaria — Gravataria — Luvaria — Perfumarias — Meias de seda e : : : algodão — Artigos para bordar : : :



Atelier de modista de **Isménia Augusta de Matos** — Rua Gil Vicente — Telefone n.º 64  
Sempre novidades em tecidos de lã, algodão, fantasias e sedas diversas  
: : Preços reduzidos — Vendas só a dinheiro — Perfiram sempre estas casas : :

## DROGARIA MODERNA

DE

**Fernandes Guimarães & Irmão, Suc.**

**Guimarães**

Telefone N.º 146  
RUA DA REPUBLICA

TINTAS

VERNIZES

LOUÇAS

POLVORAS

VIDROS

CAIXILHOS

## Casa das Gravatas

DE

# Dias & Carvalho, L.<sup>da</sup>

43 — RUA DA REPUBLICA — 47

TELEFONE 188

**GUIMARÃES**

**CHAPELARIA, CAMISARIA, GRAVATARIA**

COMPLETO SORTIDO EM MEIAS E PEUGAS, POPELINES  
BOLSAS, MALHAS, GUARDA-CHUVAS, PERFUMARIAS,  
MIUDEZAS E ARTIGOS DE NOVIDADE

— Vejam os nossos preços —

## Rádio Telefunken

Os melhores aparelhos da Europa

Um aparelho TELEFUNKEN adequado para cada fim

A maior selectividade

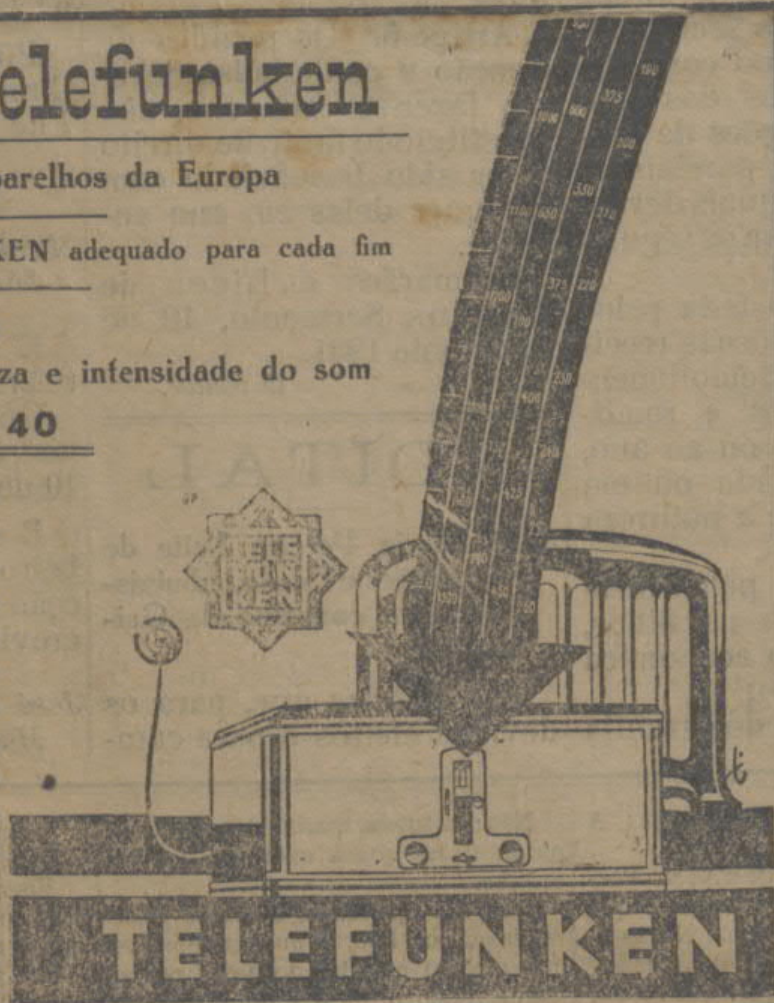
Pureza e intensidade do som

**TELEFUNKEN 40**

O receptor com um ano de avanço sobre o demais. Sua simples manobra e a seu elevado rendimento fizeram dele o receptor de classe mais universalmente desseminalado. Peça V. Ex. uma demonstração sem compromisso nem encargo ao : : : : :

Representante em GUIMARÃES:

**HENRIQUE PIRES**



TELEFONE 181

GUIMARÃES

## CASA IDEAL

DE

# Joaquim Leite Monteiro

que é também o representante das maquinas de escrever **L. C. SMITH** e **CORONA**, que são reputadas ás de modelo mais perfeito e as de maior duração

28 — Rua 31 de Janeiro — 30

GUIMARÃES

**PAPELARIA, PERFUMARIA E TABACOS**

Gramofones — e discos —

Papeis de embalagem, Fio, Papelão e maquinas de es- : : crever : :

## Papelaria Central

Praça D. Afonso Henriques

— TELEFONE 140 —

Artigos fotograficos

Unica casa de Especialidade

## "O POVO DE GUIMARÃES"

SEMANARIO REPUBLICANO

Rua 5 d'Outubro N.º 33  
**GUIMARÃES**

| Assinaturas                         |             | Anúncios                                |            |
|-------------------------------------|-------------|---|------------|
| Por ano . . . . .                   | 24\$00 Esc. | Cada linha . . . . .                    | \$50 cent. |
| Africa . . . . .                    | 28\$00 >    | Na 1.ª e 2.ª pág. preços convencionais. |            |
| Brasil (moeda brasileira) . . . . . | 20\$00 >    | Comunicados, linha . . . . .            | \$60 >     |
| Estrangeiro . . . . .               | 40\$00 >    | Imposto do selo . . . . .               | \$15 >     |
| Número avulso . . . . .             | \$50 cent.  | Linómetro tipo corpo 8.                 |            |

Ex.<sup>mo</sup> Snr.

Redacção da "Revista de Guimarães"

*Guimarães*



## Deposito da Cal da Figueira

DE

# LEITE & FIGUEIREDO

NESTE DEPOSITO ENCONTRA-SE Á VENDA

Sulfato de Cobre Inglez e Enxofre

das melhores procedencias

**Agentes do cimento TEJO**

Largo de S. Paio

**GUIMARÃES**